

PANEGYRICO

*Em a Coroação de sua Magestade
O Serenissimo Señor,*

DOM IOAM IV:

REY DE PORTUGAL;

& dos

ALGARVES, &c.

A sua Excelencia, o Senhor

TRISTAM DE MENDONÇA

Furtado, Embaxador aos muy altos, &
Poderosos Estados Generaes das Pro-
uincias vnidas.

Composto por,

FRANCISCO GOMES BARBOSA.

*Foi impresso em Amsterdam, & agora denouo nesta Cidade
de Lisboa,*

Com todas as licenças necessarias,

Na Officina de Lourenço de Anueres:

*A custa de Lourenço de Queiròs Liureiro da Casa
de Bragança,*

PANEGYRICO

Em a Coroa de Sua Magestade
o Serenissimo Senhor

DOM IOM IV
REY DE PORTUGAL

de

ALGARVES

A Sua Excelencia, o Senhor

TRISTAM DE MENDONCA

Embaxador aos muy altos &
Poderosos Estados Geraes das Pro-
vincias unidas.

Compõe por

FRANCISCO GOMES BARBOSA

Impresso em Amsterdan, e agora ha no esta Cidade
de Lisboa

Com todas as licenças necessarias

M. Officina de Lourenço de Anunces

Officina de Lourenço de Anunces
de Braganca

VI este Panegyrico, & não tem cousa algũa
contra a fê, ou bons costumes, antes moue
os que o lerem a paz, & amor da Patria, &
não tem impedimento pera se poder imprimir. Em
S. Domingos de Lisboa 16. de Julho 1641.

O mestre Fr. Ignacio Galvão.

VISTA a informação, pode se imprimir este
Panegyrico, & depois de impresso tornara
ao Conselho para se conferir com o Original,
& se dar licença pera correr e se ella não corre
ra Lisboa 16. de Julho de 1641.

Francisco Cardoso de Torneo. Pero dasilua.

Sebastião Cesar de Meneses.

PODE SE imprimir Lisboa 22, de Julho
de 1641.

O Bispo de Targa.

QVE se possa imprimir Visto as licenças do
Santo Officio, & ordinario, & não corre
sem tornar a esta mesa para se taxar Lisboa
a 24 de Julho de 1641.

João Sanchez de Baena.

D. Rodrigo de Meneses

Cesar

Ribeiro.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

SENHOR
ANTONIO DE SOUSA
DE TAVARES SECRETARIO
de Sua Magestade na Embaxada
de Olanda.

B Atendo as asas sobre a seca lenha
demeu engenho, ja de fũto, & frio
q̃ mais do que possuo aqui se épenha.
Agora com furor, & nouo brio,
vendo a gloria da patria restaurada
com Principe, & Senhor benigno, & pio.
Minha Musa das cinzas renouada
fenix desperta a cantar lououres
daquelle, que liberta a patria amada.
Mas como entre receos, & temores
cobarde viue por seu humilde estilo
frases vulgares sem adorno, & flores
Do nosso claro Tejo ao fertil Nilo
não ve outro Mecenas pera emparo
que vós por seu sagrado, & forte Asilo.
E como nas virtudes soistão claro
nas ciencias geral, & nas doutrinas
viuo no engenho, & nos conselhos raro.
A vós Senhor com partes tão diuinas
pretende consultar minha Talia
porque as Musas em mim não são ladinas
Hūs

Huns mal limados versos, que a per fia
furor poetico & leua, & arrebatada
mais natural, que docto em poesia,
Escreui em louuor da Patria grata
como em geral por qua foi aplaudida
sua gloria que a fama nos relata.
De vós sua humildade conhecida,
conceitos rudos faltos de sciencia
& alheios da sentença eselarecida
Vereis, se nelles ha sufficiencia
(pondo o Amor diante, que me incita)
pera podelos ver sua Excellencia
E se minha ventura sollicita
fauores vossos, em quem vão confiados,
não duuido desse Heroe que os admitta
Com vossa authoridade presentados
terão agrauidade, que lhes falta,
& serão mais aceitos, & estimados.
Senisto que vos peço caio em falta
por não hauer em mim merecimentos,
& minha petição voa mui alta;
De nobres peitos, & altos pensamentos
he proprio conceder merces geraes
inda que haja em pedir atreuimentos.
Porem se seus descuidos forão taes
que discrepem do honesto, que se deue
em matizar as perfeicoes Reaes:

Se minha Musa Icaro se atreue
subir a mar do sol a clara Aurora
com louca presunção, & intento leue,
E supposto que todo engenho adora
por ser proprio em seu entendimento,
& dos filhos, & verios senamora,
Audaz dareis a meu atreuimento
deuida pena a culpa, que merece
pois com pena voou audaz ao vento,
Verdade he q̃ o amor he quem padece
estas paixoes leuado na alegria
de ver que a patria tanto resplandece:
E como della goza a simpatia
por filho caro, & natural criança
que sempre com Amor seus filhos cria;
Iã pode ser o leue a esperança
a que serão aceitos dos Patricios,
suposto que o meu genio pouco alcança.
Naõ são estes, Senhor, os sacrificios
que obrigado lhe deuo, que os lououres
em mim redundão proprios beneficios.
Mas são demõstração de meus amores,
que em fim sou Portuguez, posto q̃ auisete
gozo do Sol da patria os resplandores.
E como agora Olanda tem presente
Sangue do fenix raro, & glorioso:
que illustre voa em seu claro Oriente,

Conhe

Conhecendo por fama o generoso
peito de sua inclita nobreza
com que a todos abraça tão piadoso,
Os numeros dedico que a dureza
de meu engenho fraco como aborto
a luz tirou com forças da fraqueza,
Ea vòs, senhor como seguro porto
amarras bota, por viuer seguro
por ser Patricio como eu sou do Porto:
E tendouos eu sò por forte muro
estou de seu aplauso confiado
pois nauegão com sabio Palinuro;
Buscar agora exordios de emprestado
pera vosgrangear estes fauores
em vossa humanidade he escusado
Basta exhalar a fama dessas flores
fragancia das virtudes que vos vistê,
pois com ellas comprais no múdo Amores
As Musas, que a meu genio agora assistem
bem quisera cantar de vossa gloria
mas os medos cobardes lhes resistem
Porem se minha Vrania he meritoria
de vosso aplauso na occasiaõ presente
seu merito porã cedo em memoria:
Que sendo vos nas letras eminente,
nas sciencias geral, dedonde emana
ser sabio, humano, docto, & eloquente

Ter

A sua Excelencia, o Senhor
TRISTAM DE MENDONCA,
Furtado, Almirante do Mar, & Em
baixador de sua Magestade.

DOM IOAM IV.
REY DE PORTVGAL, &c.

Aos Poderosos Estados das Prouincias vnidas.



*Ris Celeste, embaixadora aue,
Que cõ a sacra oliua
A paz trazeis ao Norte,
Do Rey que à Lusitania coube em sorte:
Se a naufragante arca na ormenta
Lenho inchado do ser, que hoje respira
Pronosticais bonança,
Se de amor, & aliança
Sois diuino instrumento
Entre o Batauo, & Luso, generosos
Por vosso meo, ambos venturosos,
A patria o brigareis, que vos consagre
Em diamante, & bronze, estatua eterna:
Pois izentas vontades
Reduzis em amor, & amizades;
Diuinos bens de quem os Ceos gouerna
O coração vnidos
Que largos tempos fo rão diuididos
Fenix renouarão glorias passadas
E os auxilios prestando*

Do humido Tridente
Cujõ imperio, & mando
Parte Neptuno entre ambos igualmente,
As Occidentais prayas conquistando
Irão vossas armadas;
E nas terras, aonde nasce o dia
Eterno dilatando a Monarchia.
A emulação cessando
Cauzada de hũ tirano
Dano e vidente ao Reyno Lusitano,
Em amor reduzida
Sera por mar, & terra a força vnida
Abatendo soberbas Castelhanas,
Com armas, & proezas Lusitanas:
Amor da patria, que em meu peito mora
Em quem jamais entrou esquecimento
Da natural crianca
Minha Musa que sua gloria adora
Cordas pulsando ao debil instrumento;
Os lououres desperta,
Daquelle que o seu pouo liberta.
Ea vos seu sustituto,
Desuas flores, vos ofrego fruto,
Que suposto que são rusticas flores
São do vergel da patria, & meus amores.

Servidor, de. V. Excellencia

Francisco Gomez Bartosa.

5 08



Sol com densas nuues eclipsado,
 Cõ portetos o Ceo todo turbado
 noite escura, tornado claro dia
 Em tristezas confusas a alegria,
 Em deshonna, & oprobrio a felix gloria
 No lethe sepultada ja a memõria,
 Em duro esquecimento o ser antigo,
 As vidas & as honras em perigo,
 Sogeitas a tão varias tiranias,
 Aumentadas por horas, & por dias,
 Sentio, passou, soffreo, o Lusitano
 Depois q̃ foi fogeito ao ceptro Hispano

De tributos, & impostas carregados,
 De auexaçõens, & males lastimados,
 De desprezos, & iniurias offendidos,
 De arrogancia, & soberbas oprimidos,
 Apatria pobre, as terras assoladas,
 Fraco o comercio, as rédas defraudadas,
 Seruiços largos, curtas recompensas,
 Piratas muitos, poucas as defensas
 Reino debil, perdidas as conquistas,
 Roubada a prata, & ouro, a claras vistas
 E de tanta miseria, & tanto aperto,
 Morta a esperança, & o remedio incerto

A 2

Mas

PANEGYRICO.

Mas os heroes illustres succedores,
De tão remotas gentes domadores,
Sangue de Viriatos, & Sertorios
descubridores de altos promentorios,
Aradores dos campos de Neptuno,
Cos olhos do pauão da deoza Iuuio,
Cujas proas abrirão felixmente,
Tantas portas nas praias do Oriente,
Na Africa, & na America dezertas,
Por vias & derrotas tão incertas,
Esforços, & valores, sem segundos,
Que bastarão a seu Reidar novos mûdos.

Não podendo levar jugo tão duro,
O mal temendo sabios do futuro,
Dos Castelhanos danos ja queixosos,
De sua gloria eternos enueiosos,
De seu descanso, & paz, perturbadores,
E não de sua offensa vingadores
Iamais remedio dando a tanto dano
Que estrangeiros fizeram no Oceano,
Tomando terras, conquistando éprezas,
Ganhadas com as armas Portuguezas,
Leuados do antigo, & heroico brio,
Ja negão à Phelipe, o senhorio.

Des

Desabrochando os offendidos peitos,
E os coraçõens, que tinha taõ fogeitos,
Criados com nobreza, em liberdades,
De vnanimis vontades,
Jurão seu proprio Rey, a quem cõpete
O ceptro hereditario, que no Lethe,
Tinha ja sepultado a tirania,
Cesar da Lusitana Monarchia
Quarto Dõ Ioão, de soberana gloria,
Nome immortal, eterno de memoria,
Que é quãto o Sol criando for os annos
Illustre viuirà entre os humanos.

Esclarecendo o Sol, de sua Aurora,
O mar o reuerença, a terra o adora,
Os feros animays se offrecê humanos,
Suas vontades rendem os Lusitanos,
Amor, braços, poder, honras, & vidas.
E as Espanholas forças ja vencidas,
Morto o tredor da patria, o mais tirano
E em ferros o presidio Castelhana
Entre as Virgês Vestais posta é clausura
A Duqueza Mantuana se assegura:
E em breues horas, tudo é fogo ardia,
Cessa atormenta, & esclarece o dia.

Ia renouão a honra, e alta gloria,
 Ia do passado bem trazem memoria,
 Ia Portugal seu fenix refucita,
 Que em seu Zenith, ditosamente abita,
 Ia desterra a soberba, & tirania,
 Daquelle que aspiraua à Monarchia;
 As villas, & as cidades vniformes,
 E todas as familias tão conformes,
 Ao mando offerecidas,
 Que darão com amor. almas, & vidas.
 E os filhos venderão na terra idade,
 So por que viua a patria em liberdade.

Amanhece o dia no Orizonte,
 O Sol alegre no claro monte,
 O campo se alcatifa de mil flores,
 As aues alternadas cantão amores,
 O mar ambar exala,
 O rio murmurando em vozes fala,
 As Musas tocaõ doces instrumentos,
 Ninphas do Tejo repitem a seus acétos,
 E tudo em fim colmado de alegria,
 Acompanharão o venturo sodia,
 Que amanhece com noua luz Lisboa,
 No quoal seu natural senhor coroa:
 Com

P A N E G Y R I C O .

Côm tão alta gloria, & bem diuino,
Com fauor tam estranho, & peregrino,
Em quem o ser antigo refucita,
Que ia sua grandeza se exercita,
A os bronzes duros dá tão alta historia:
Que eterna, & immortal fica a memoria
De obra tão heroica, e soberana,
Emprendida por gente Lusitana,
Cuia fama no Orbe se dilata,
Aplaudida em geral, & a todos grata
Confessando que tão sublime empreza,
He só digna da gente Portuguesa.

Vos clarissimo Rey Dom João benigno,
Assistido de espirito diuino
Sangue illustre do ceptro Lusitano,
Por tempos usurpado de hum tirano:
Successor daquelle inclito Duarte,
Com quem Iupiter ja imperio parte,
Gozo de Portugal, gloria do mundo,
Quarto João, que não terá segundo;
Ja que o Ceo rezeruou vossa pessoa,
Dignissima do imperio, & da Coroa,
Os oprobrios vingay de tantos annos,
Conheça Espanha os fortes Lusitanos
A 4 Conheça

Conheça esse valor que ja confuso
 Está o Castelhana, é ver que o Luso
 De todo vosso imperio, & senhorios
 Em nome vosso de abater seus brios
 Esperanças concebe:
 E com as armas suas, vereis breue
 A Castelhana força enfraquecida
 E a vosses Reais pees toda rendida;
 Sua vam inchaçam acobardada
 Por vosso braço inuicto destrocada;
 Que o piadoso Ceo, juiz do pleito
 Com justica vos julga este direito.

Ia todo Portugal, Senhor, vos chama,
 E por todo o vniuerso vossa fama,
 Ditosa, e felixmente se dilata.
 E ja grandeza tanta se relata,
 Ao mais estranho Antipoda remoto,
 Onde vosso valor hoje he ja noto.
 Ditoso Portugal que tanto alcança,
 Pois ja percebe, a vnica esperança
 Dessa proeza, que todo o Orbe estima,
 De nouo conquistar hum nouo clima,
 Que ao Luso não será raro misterio,
 Pois Neptuno obedece a seu imperio,
 Os

Os natúraes desejáo vosso aumento
 Os estranhos aprouam vosso intêto,
 Arezão & iustiça vos defende,
 O Orbe todo vosso bem pretende,
 Auerdade dignissima vos chama,
 A voz vniuersal dilata a fama
 De vosso nome claro:
 O Principe, o senhor, o Rey preclaro
 Concebem en seus peitos esperança
 De eternizar amor, & a liança
 Com Lusitania, pois o Ceo piadoso
 Lhe deu Senhor, & Rey tam generoso.

Mas vos Senhor, que sois vnico herdeiro
 Mas vos, a quem só toqua ser primeiro
 Mas vos, que defendeis a patria amada
 Que em liberdade poem a vossa espada
 A vos se deue só a palma, & gloria,
 A vos se depozita esta memoria.
 A vos Portugal só hoje obedece.
 Porque vos só, Senhor, sois que merece,
 Coroa, Ceptro, imperio, & o gouerno
 Que em vossa successam, sera eterno:
 Que quem deu a seu pouo a liberdade
 Iusto sera que viua a eternidade

Amor

Amor, fauor, merces; beneuolencia;
 Summas misericordias, & clemencia,
 Que vzaís com vossos subditos piadoso,
 Que exercitays na patria poderoso,
 Abito illustre, a tam illustre peito,
 Obras reais de tam Real fugeito,
 Moué os bronzes, coraçõens izétos
 A impetrar do Ceo vossos aumentos,
 A dezejar as prosperas victorias,
 A celebrar com gozo vossas glorias,
 A amar de coraçam vossos amigos,
 E aborrecer com odio os inimigos!

O Lusitano que se vê auzente
 De vossa luz, & Sol resplandecente
 Do sul ao frio Norte,
 Celebrou com aplauso vossa sorte:
 Alegrouse cõ o bem da patria amada,
 Espera ver a gloria dilatada
 De seu antigo ser com vos seu Atlante:
 E se em vossas bandeiras militante
 Não pode assistir, por sua auzencia,
 Seu amor aceitay, por asistencia:
 Que quando falta o meo para a obra,
 A vontade, & amor, credito cobra.

Agora

Agora concedida gloria tanta
 Que todo o Vniuerso a vozes canta,
 As letras estimando,
 E às armas valerozas premio dando,
 Hũa conquistarão, novos imperios
 Outras dilatarão nos emispherios
 As victorias que os Ceos ja vos concedê
 Para o que, marmor, bronze, e iaspe pedê
 As subtis penas Cisnes Lusitanos
 Cantando vossos feitos soberanos,
 Que a espada melhor corta; se se estima
 Ea pena se auantaja, em verso, ou Rhima.

F I M

Faculdade de Filosofia
 Ciências e Letras
 Biblioteca Central



Agora concedida gloria tanta
Que todo o Vniuerso a voces canta
As letas estimando
E as armas valerosas premio dando
Hias conquistas, nozes imperios
Quas dilatao nos triumphos
As victorias que os Ceos ja vos concede
Parao que, marthor, bronze, e sape pede
As subis penas, Cines, Iulianos
Quando vossos feitos loctanos
Que a espada milhor corta, este clima
E a paz se mantem, em vello, em Kilmor

Faculdade de Filosofia
Ciencia e Letras
Biblioteca Central

F. L. M.



BIBLIOTECA
177
MAR
41
1909